



MEMÓRIA DA CULTURA

30 ANOS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA

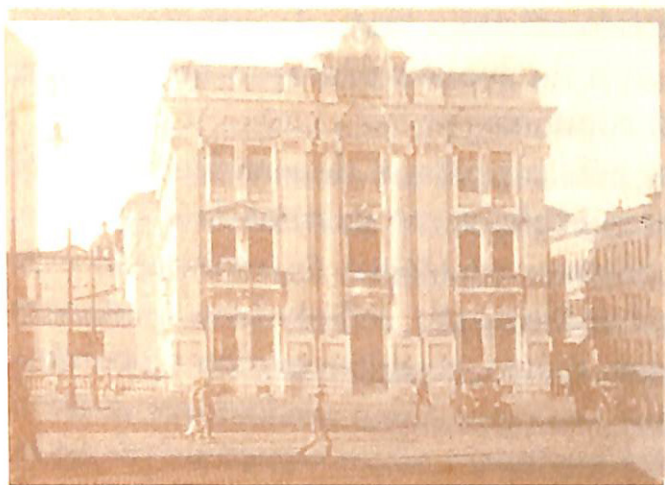
Vanda Angélica Fernandes da Cunha



**FUNDAÇÃO
CULTURAL**
DO ESTADO DA BAHIA

**1974
2004**

RECORRENDO À MEMÓRIA,
ESCREVER É PRECISO



Biblioteca Pública - prédio antigo

Entrelaces e entrelinhas: A Fundação Cultural do Estado da Bahia e as bibliotecas públicas

Vanda Angélica da Cunha*

*J*aneiro de 2004. A Fundação Cultural do Estado da Bahia completa 30 anos de criação, nos quais vem acumulando vasto cabedal de realizações nos

espaços, acervos e serviços que administra. Seu patrimônio mais inestimável tem sido a plêiade de homens e mulheres que, com seu saber, talento e compromisso, contribuíram para o desenvolvimento da Instituição. Muitos ainda aí permanecem, aperfeiçoando essa trajetória. Vários trilharam outros caminhos, destacando-se em diferentes esferas profissionais em organizações públicas e privadas. No setor público, ou na esfera privada, continuam ampliando e compartilhando o conhecimento ali cultivado, testado, recriado. A Fundação Cultural do Estado se constitui, assim, num laboratório, num amplo ambiente de aprendizagem.

Nesse período, pude testemunhar o nascimento e o desenvolvimento desta Instituição. Percebi a beleza da sinuosidade do seu caminho, trazendo pessoas, deixando-as partir, acolhendo-as de volta, num compasso sincronizado com as linguagens que esta Organização abriga. E nessa sinuosidade, transparecem os entrelaces e entrelinhas que tecem a vida indissociável da Instituição e das pessoas que a integram. Difícil enxergá-las em separado.

Uma questão se coloca: por que as bibliotecas públicas, na Bahia, integram a estrutura de um órgão de cultura se a tradição, secular, é mantê-las subordinadas ao sistema de ensino?

As bibliotecas públicas existem desde a Antiguidade. Nesse período da história da humanidade, servem a um pequeno número de pessoas letradas. Nascem, portanto, a serviço de uma elite. Sua natureza e funções evoluíram com o tempo e é na contemporaneidade que adquirem o perfil de prestadoras de serviço ao público, composto de todos os segmentos da sociedade, do iletrado ao pesquisador acadêmico.

Favorece essa evolução a consolidação dos ideais democráticos baseados na filosofia da educação para todos, o que pode explicar a proliferação de bibliotecas públicas, no século XIX, quando esse ideal ganha força e se propaga a partir

* Bibliotecária. Professora da Universidade Federal da Bahia; Ex-diretora da Biblioteca Pública

dos Estados Unidos e da Inglaterra. Esse fato mostra a razão da estreita relação entre a biblioteca pública e a educação, seja no apoio à educação formal, seja, sobretudo, como espaço de aprendizagem contínua.

Na esteira do tempo, as bibliotecas públicas passam de guardiãs do saber registrado ao apoio à educação formal, desenvolvimento cultural da sociedade, estímulo à convivência. Incorporam as modernas tecnologias de informação e de comunicação e prosseguem em constante transformação, refletindo as mudanças experimentadas pela sociedade. E, ao mesmo tempo, contribuem para a ocorrência dessas mudanças, através do papel que assumem como mediadoras entre a informação, o conhecimento e o usuário. Constituem-se em espaço privilegiado de aprendizagem permanente. O *locus* onde os estudantes têm também o seu espaço de aprendizagem mas no qual acervos, produtos, serviços bibliotecários são oferecidos a crianças, jovens, idosos sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, grau de instrução ou condição social, como preconiza o Manifesto da Unesco.

Aí está a razão da alocação das bibliotecas públicas em um órgão de cultura que englobando saberes diferenciados, linguagens diversificadas, mas entrelaçadas, lhes assegure uma infra-estrutura e interlocução que possibilitem o seu melhor desempenho.

Voltando no tempo, em 1972, encontramos a criação da Fundação Cultural do Estado da Bahia, efetivamente implantada em 1974. Nasce, norteadas pelos objetivos de preservar o acervo cultural constituído, promover a criação, dinamização e reelaboração dos objetos e procedimentos de cultura, difundir e assegurar aos vários setores da comunidade o acesso à produção e consumo de bens culturais. Um entrelace se dá nesse momento. A Fundação Cultural do Estado acolhe em sua estrutura as bibliotecas públicas. Impunham-se, então, o entendimento e o uso compartilhado das diferentes linguagens: literatura, teatro, cinema, música, dança, museus, cultura popular, o saber acumulado da humanidade, o antigo e o emergente, registrado nos acervos das bibliotecas públicas.

A Fundação Cultural encontra uma sólida estrutura de serviço de bibliotecas públicas, ao qual lhe compete desenvolver, de forma ininterrupta. Um serviço que tem sua origem remota em nossa velha e querida Biblioteca Pública. A Carta Régia datada de 23 de junho de 1811 traz o testemunho do júbilo de D. João VI pela criação, na Bahia, da primeira biblioteca pública do Brasil e da América do Sul. Concebida de forma peculiar, por iniciativa particular e não-governamental, coube a Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, representando o pensamento da intelectualidade baiana da época, apresentar o projeto de sua implantação. A manutenção ficou a cargo de subscritores através da contribuição de uma quantia mensal, na categoria de sócios, e da oferta de suas bibliotecas particulares, a título de doação ou empréstimo, para assegurar o núcleo inicial do acervo bibliográfico.

A Biblioteca Pública do Estado da Bahia tem por primeiro espaço a Sala do Dossel do Palácio do Governo, enquanto se concluí a reforma das instalações do Colégio dos Jesuítas para abrigá-la, só vindo a possuir prédio próprio em 1919. Ocupa um espaço majestoso na Praça Municipal, onde permaneceu até ser transferida, em 5 de novembro de 1970, para a atual sede nos Barris, com a denominação de Biblioteca Central do Estado, no bojo do Sistema de Bibliotecas do Estado implantado nesse ano. A mudança de nome reflete a ampliação de suas funções, posto que daí em diante lhe é reservado o papel de órgão irradiador de outras bibliotecas públicas, escolares, e de extensão, para cobrir vazios bibliográficos em bairros periféricos e comunidades confinadas em creches, orfanatos, abrigos de idosos, penitenciária, dentre outros locais, serviço realizado através de carros-biblioteca e caixas-estante.

Os carros-biblioteca começaram a funcionar em 1968, com três veículos Kombi, obedecendo escala de visitas aos bairros de Salvador. Em dois deles se oferecia o acervo bibliográfico e, no terceiro, equipamentos e suportes audiovisuais. Na década de 70, o número de carros-biblioteca se elevou para 11, ampliando o atendimento para municípios da Região Metropolitana. Na década de 90, reduz-se para 3, chega a ser paralisado por cinco anos em função do desgaste dos veículos, mas, para benefício da população ávida por informação e conhecimento, o serviço é reativado, através de 2 veículos *Space-Van*, que atendem a bairros e subúrbios de Salvador. Os carros-biblioteca, como as caixas-estante, têm por finalidade levar a leitura como fonte de informação e forma de lazer. A primeira caixa-estante foi instalada em 1977, na Casa de Detenção Lemos Brito, em Salvador, estando no momento em funcionamento 30 unidades.

Decorrem 159 anos desde 1811, quando se cria a Biblioteca Pública da Bahia, até a implantação, em 1970, do plano grandioso, inovador, do Sistema de Bibliotecas para o Estado da Bahia, concebido e implantado pela bibliotecária Adalgisa Moniz de Aragão, prosseguindo a insigne obra do seu ancestral, Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco.

O Sistema de Bibliotecas do Estado da Bahia englobava, ao ser instituído, além da Biblioteca Pública, as seguintes unidades: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, criada em 1950, com a função de desenvolver o gosto pela leitura e formar o futuro leitor; Biblioteca Anísio Teixeira, em 1948, com a designação original de Biblioteca Central de Educação, voltada a apoiar as escolas da rede estadual de ensino; Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, do ano de 1968, destinada a atender aos moradores do bairro do Rio Vermelho e adjacências.

Nesses 30 anos, o referido Sistema de Bibliotecas subsiste com algumas modificações. Novos entrelaces, outras entrelinhas. A Biblioteca Pública, que em 1970 recebe o nome de Biblioteca Central do Estado, retoma sua denominação original. O serviço de carros-biblioteca e caixas-estante se transforma em uma unidade autônoma, na estrutura da Fundação Cultural em 1985, com a denomi-

nação de Bibex — Bibliotecas de Extensão. No ano de 1990 o Sistema se amplia, passando a ser denominado Sistema de Bibliotecas Públicas e, oficialmente, integra as bibliotecas municipais do Estado da Bahia, tarefa que realizou desde sua implantação de forma incipiente, pela pequena envergadura estrutural de então. O número de bibliotecas públicas estaduais cresce para 5, com a criação, em 1997, da Biblioteca Thales de Azevedo, que integra o Complexo Parque Costa Azul, destinada ao atendimento da população residente nesse bairro e adjacências e a apoiar a escola, de mesmo nome, da rede estadual de ensino.

Percebe-se, apesar do significativo trabalho desenvolvido, que Salvador ainda é carente de bibliotecas públicas. Em recente estudo que tive a oportunidade de realizar, deixo registrado esse fenômeno da escassez e rareamento na localização geográfica, tornando irreal a previsão de que uma biblioteca atenda à população de suas adjacências. O que se verifica, em todas elas, é a presença maciça de usuários advindos de bairros e subúrbios localizados a enormes distâncias de onde se situa a biblioteca de que eles se utilizam.

Daí a premente necessidade, a urgente criação de bibliotecas melhor distribuídas na extensão territorial de Salvador e a ampliação do serviço dos carros-biblioteca e caixas-estante.

As instituições, como as pessoas, nascem, crescem, se transformam. Esse é um processo a ser compreendido como natural. A partir de 2002, as bibliotecas públicas passam a integrar a estrutura da Fundação Pedro Calmon — Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia. Continuarão fortes, atuantes, orgulhosas de sua longa história, em cujas entrelinhas, vejo claro as raízes, seiva, ramificações e frutos que essas instituições foram capazes de gerar. Oxalá permaneçam inspiradas na figura mitológica do deus Janus, dotado de duas faces. Uma contempla o passado, representada pela função de preservar a memória, a outra volta-se para o futuro, descortinando o cenário da informação, do conhecimento, em contínua, veloz e imprevisível mudança, num processo enriquecido pelas atuais tecnologias e pelo patrimônio, intangível, mais valioso de que dispõe que são os bibliotecários e seus auxiliares, com o potencial de conhecimento e experiência sempre prontos a colocar-se a serviço do desenvolvimento da sociedade.

